

## V. Experimentos contemporâneos de historiografia literária

*A great history must be a literary history.*  
(David Der-wei Wang, *A New Literary History of Modern China*)

### 1.

*A New History of French Literature* (1989), editada por Dennis Hollier, *A New History of German Literature* (2004), editada por David Wellbery, *A New Literary History of America* (2009), editada por Greil Marcus e Werner Sollors, e *A New Literary History of Modern China* (2017), editada por David Der-wei Wang, são experimentos de historiografia literária publicados pela Harvard University Press atentos às novas agendas teóricas e metodológicas surgidas com mais vigor na segunda metade do século XX, que propõem formas alternativas de abordagens históricas de fenômenos literários. Nesse âmbito, eles se preocupam com o caráter discursivo da História (Literária), em confluência com as questões colocadas pelo *New Historicism*. Igualmente, estão atentos às mudanças nas percepções temporais, implicando na reconfiguração na própria forma de construir conhecimento histórico, aspecto também presente nas propostas de Hans Ulrich Gumbrecht. Além disso, um dos objetivos em comum desses experimentos refere-se ao desejo de, além de informar, capturar e encantar também o leitor não-especializado, aquele que tem interesse pela literatura através do prazer, da curiosidade, da informação e do entretenimento, através do relevo ao “encontro” (WELLBERY, 2004, p. xvii), considerado uma experiência característica de leitura ficcional ligada aos efeitos de descoberta e confronto, como potente para a produção de conhecimento em Histórias Literárias. Dessa forma, esses experimentos estão atentos ao cruzamento da percepção sensível e da reflexão racional, como identificado nas pesquisas de Greenblatt e Gumbrecht, presente de forma paradigmática nas investigações do neurocientista António Damásio.

O objetivo deste capítulo é explorar as estratégias que permitiram aos articulistas desses quatro experimentos salientar as reações afetivas em produções literárias como significantes nas suas análises, relacionando-as com ferramentas do campo das Neurociências. Em outras palavras, acentuando essa funcionalidade dupla de informar e produzir reações afetivas presente nos experimentos, ênfase

o alinhamento dessas produções com reflexões atuais sobre o papel de reações afetivas em processos cognitivos. Como cada um desses livros é composto por cerca de uma centena de ensaios, escritos por dezenas de articulistas, especial atenção é dada à análise das introduções desses experimentos, que funcionam como manifesto teórico de suas abordagens e de suas estruturas, além de ensaios paradigmáticos, selecionados principalmente de *A New Literary History of Modern China* (2017) por ser a publicação mais recente.

## 2.

Antes de iniciar propriamente o exame das estratégias, cabe apresentar os quatro experimentos selecionados. Iniciando com *A New History of French Literature* (1989), ela começa com a seguinte afirmação:

Conceived for the general reader, this volume presents French literature not as a simple inventory of authors or titles, but rather as a historical and cultural field viewed from a wide array of contemporary critical perspectives. Neither of the traditional modes of encyclopedic presentation – continuous historical narrative or alphabetical ‘dictionary’ – seemed adequate for such an undertaking. The latter, while attempting complete coverage, introduces masses of often irrelevant information, and the former artificially homogenizes literature into linear genealogies (HOLLIER, 1989, xix).

Definindo-se, portanto, pela negação de modelos de historiografia literária mais tradicionais, considerados inadequados para alcançar o objetivo de se dirigir também ao leitor não-especializado, este livro se caracteriza exatamente pela sua estrutura pautada na reunião de múltiplos ensaios iniciados por uma data, organizados cronologicamente. Embora cada um dos ensaios evoque um evento específico em seus títulos, este funciona apenas como um ponto de partida ao serem articulados outros eventos e fenômenos relacionáveis, fazendo com que, “both individually and cumulatively they question our conventional perception of historical continuum” (p. xix). Eventos literários, que podem ser tanto a publicação de um livro quanto sua tradução ou repercussão, por exemplo, são justapostos a fim de “to produce an effect of heterogeneity and to disrupt the traditional ordeliness of most histories of literature” (p. xix). Por nenhum artigo ser dedicado apenas à apresentação específica de um tema, a leitura conjunta dos ensaios permite identificar aspectos variados de um mesmo autor, como Charles Baudelaire, por

exemplo, que aparece como tradutor em um ensaio e como o escritor canônico em outro. Além disso, as datas não respeitam uma coerência de ordenação, como observável no ensaio “1050?. Saints’ Lives”, da estudiosa de literatura francesa Brigitte Cazelles, em que o ponto de interrogação demonstra sua utilização apenas como um ponto de referência.

Seu objetivo não é cobrir todas as nuances de cada autor, obra ou evento, mas apresentar o cânone e seus rivais de maneira informativa e crítica, baseando-se na liberdade de ponto de vista dos contribuidores pelo oferecimento de “encounters with the major methodological and ideological positions in today’s literary studies” (p. xx). Além das contribuições do seu editor, o estudioso de literatura e cultura francesa Denis Hollier, interessado pela literatura francesa do século XX, como “1968, May: ‘Actions, No! Words, Yes!’,” “1836, 25 October. Egypt in Paris,” “1905, 9 December. On Schools, Churches, and Museums,” “1934, 6 February. Birthrate and Death Wish” e “1989: How Can One Be French?”, também colaboraram, dentre outros, a historiadora Natalie Zemon Davis, a estudiosa de literatura francesa Ann Smock e o professor emérito de literatura francesa Terence Cave.

Uma das questões chaves desse experimento consiste nas fronteiras que demarcam os Estudos de Literatura, uma vez que “national borders are not the only ones dividing literature. Borders also exist between genders, classes, and generations, between oral and written, between writing and reading; and all these are significant” (p. xxi). Pautando-se no pressuposto que textos literários conseguem ultrapassar essas barreiras, o livro desafia a contextualização dos fenômenos estudados pela relação geográfica, comum em historiografias literárias nacionais.

*A New History of German Literature* (2004), baseando-se na proposição de Paul Celan que todo poema é datável, retoma a mesma ordenação cronológica como forma de combater histórias literárias tradicionais que “treat individual texts and performances not as singular occurrences, but as illustrative instances of some force, tendency, or norm such as the spirit, class bias, or na aesthetic ideal” (WELLBERY, 2004, p. xvii). Com a proposta de restaurar acesso às dimensões singulares e contingenciais da literatura, seu objetivo consiste na preservação da “quality of “encounter” that characterizes the most exhilarating experience of Reading.

Genuine encounters promote fascination and curiosity” (p. xvii). Através do pressuposto que esses encontros podem “even change the course of a reader’s life by creating the desire for a deeper acquaintance with a writer or work” (p. xvii), uma das inspirações deste livro consiste nas ideias sobre História de Walter Benjamin por sua ênfase no conhecimento histórico através de “momentary interruptions of the continuum of time, which he likened to a ‘tiger’s leap’ into the past” (p. xvii). Mesmo focando em eventos particulares, parte-se da co-presença de estruturas temporais, “in the age of internet more than ever” (p. xxii), fazendo com que, através da reunião de diferentes articulistas, o interesse pelos ensaios se baseie em “curiosities rooted in serendipitous encounters, individual biographies, historical circumstances, particular passions and interests, chosen or inherited obligations” (p. xxii). Para Wellbery, “with this strategy – gratefully adapted from *A New History of French Literature* (1989) – we have tried to approach the level of historicity that was so important to Celan: the singularity of the literary event” (xxii), baseando-se em uma proposta de conhecimento histórico atento à concepção de eventos literários como singulares e como provocadores de reações de encontro.

Editada pelo germanista David Wellbery, que colabora com os artigos “1774, January-March. Pathologie of Literature”, “1831, July 21: Faust and the Dialectic of Modernity” e “1853: Aesthetic Salvation”, também fizeram parte do conselho editorial a germanista Judith Ryan, o teórico Hans Ulrich Gumbrecht, o estudioso de literatura Anton Kaes, o historiador de arte Joseph Leo Koerner e a estudiosa de literatura e filosofia Dorothea E. von Mücke. Recebe a contribuição de diversos autores, como, por exemplo, o já citado Hans Ulrich Gumbrecht em “744. The Charms of Charms”, dos brasileiros Luciana Villas Bôas em “1557. A German Mamluk in Colonial Brazil?” e Luiz Costa Lima em “1799, June. Holistic Vision and Colonial Critique”.

*A New Literary History of America* (2009) foi editada pelo estudioso de literatura Werner Sollors e pelo crítico cultural e colunista da revista *Rolling Stone* Greil Marcus, com participação no quadro editorial de estudiosos importantes como a crítica literária e poetisa Stephanie Burt, o estudioso de cultura afro-americana Gerald Early, a estudiosa de cultura afro-americana Farah Jasmine Griffin, a estudiosa de literatura americana Kirsten Silva Gruesz, o estudioso de artes visuais e mídias Michael Leja, o historiador de engenharia e manufatura David A. Mindell,

o escritor David Thompson, o estudioso de literatura David Treuer, o historiador Ted Widmer, o historiador Sean Wilentz, o escritor e crítico literário Hua Hsu e a americanista Yael Schacher. Também primando pela heterogeneidade e seguindo a mesma ordenação cronológica de ensaios independentes, foi solicitado aos articulistas a exploração de seus próprios argumentos e pontos de vistas a fim de “surprise not only their editors, or their readers, but themselves” (p. xxiv).

Este volume tem seu título alterado em relação aos experimentos anteriores para refletir a expansão do escopo de eventos e fenômenos analisados. Procurando prover uma “reexamination of the America experience as seen through a literary glass, where what is at issue is speech, in many forms” (SOLLORS; MARCUS, 2009, p. xxiv), são contemplados desde fenômenos naturais, como no ensaio sobre o furacão Katrina, “2005: A Great Part of the City is below the Level of the River during the High Flood Tides, which Last for a Few Days Each Year, and Is Protect by Levee or Embankment”, de Greil Marcus e Werner Sollors, até armamentos como em “1875. The Winchester Rifle”, do historiador de tecnologia Merrit Roe Smith, que coexistem com ensaios sobre textos canônicos, como em “1855. Walt Whitman, *Leaves of Grass*”, do estudioso de literatura em língua inglesa Angus Fletcher. Espera-se que a junção de assuntos tão díspares possa “to remind the reader of what is most familiar and to raise the specter of what remains out of sight – forgotten, suppressed, or biding its time” (p. xxvii).

Apesar da semelhança estrutural com *A New History of French Literature* e *A New History of German Literature*, “the earlier projects began in the eighth century and moved forward to trace the organic literatures of organics societies that long preceded the emergence of the modern French and German nations” (p. xxiii). Por outro lado, o experimento americano, que começa no século XVI, focando principalmente nos acontecimentos dos séculos XIX e XX, “tells the story of a made-up nation that in many ways preceded its society” (p. xxiii), sendo a literatura entendida como uma criação e não como uma tradição herdada. De qualquer forma, espera-se que a leitura dos ensaios, que pode ser feita de variadas formas, uma vez que “the reader might select entries from the table of contents or from the headlines that appear in front of each essay, or read all those entries together first that index tell us mention, say, Lincoln or Whitman” (p. xxvi), possa gerar um novo e fresco senso de América.

*A New Literary History of Modern China* (2017), organizada pelo estudioso de literatura chinesa David Der-wei Wang, tem por objetivo contemplar desde especialistas a leitores que apenas tivessem interesse em entender a China moderna pela sua dinâmica cultural e literária, baseando-se na mesma organização cronológica presente nas historiografias literárias anteriores. Cada um dos 143 ensaístas foi encorajado a adotar “whatever form they felt best to express their historical ‘feeling’” (WANG, 2017, p. 9), tendo por propósito encontrar novas formas de engajamento nas raízes e ramificações da história literária da China moderna. Chama a atenção o desejo de expressar *sentimentos* como um dos objetivos desse experimento, ideia retirada do livro *Traditional Chinese Poetry and Poetics*, do estudioso de literatura chinesa Stephen Owen. O editor ainda indica que este experimento “may raise many eyebrows” (p. 26) pelos eventos e textos analisados e pelas próprias formas de análise. Pode-se encontrar entre seus ensaios desde textos como “1903, September. Sherlock Holmes Comes to China”, da estudiosa de literatura Wei Yan, “1907, July 15. The Death of China’s First Feminist”, da estudiosa de literatura Hu Ying, até “1930, October. Practical Criticism in China” do estudioso de literatura Q. S. Tong e “1952, July. A Provocation to Literary History” da estudiosa de literatura Shuang Shen.

A epígrafe deste capítulo, selecionado do experimento chinês, diz respeito à necessidade presente naquele contexto de haver uma “mutual illumination between *wen* (literature) and *shi* (history)” (p. 8). Este pressuposto, observável em algumas teorizações ocidentais, presentes também em suas reflexões<sup>1</sup>, determina o relacionamento entre história e literatura na China desde o século XIX. Nessa ótica, faz parte de sua tradição acreditar que a narração de fatos históricos depende não apenas de fontes e aparatos teóricos, mas do conhecimento de retórica e da integridade pessoal, chegando-se mesmo a afirmar que “historical discourse tends to be more exaggerated and insubstantial than literary engagement, and both history and literature should be modulated in such a way as to illuminate the world truthfully” (p. 8). Merece destaque precisamente a percepção de que a imaginação literária, pela sua força afetiva, enriquece a racionalidade do discurso histórico.

---

<sup>1</sup> Em suas palavras, suas influências variaram de “Walter Benjamin’s ‘constellation,’ to Mikhail Bakhtin’s ‘heteroglossia,’ Michel Foucault’s ‘genealogy,’ and Giles Deleuze’s ‘assemblage’” (WANG, 2017, p. 8).

Este aspecto, presente de certa forma nas quatro historiografias, torna-se mais perceptível no exame de ensaios considerados paradigmáticos pela sua capacidade de articular múltiplas curvas temporais, provocando efeitos de surpresa, através de uma escrita ensaística, que contempla arte e ciência.

### 3.

A estratégia mais aparente nessas historiografias literárias é a sua ordenação em datas, o que pode causar estranhamento por essa organização estar associada a uma percepção linear e progressiva de estruturas temporais, presente nas historiografias literárias narrativas tradicionais. O entendimento de que cada data funciona apenas como um ponto de referência é alcançado, para além da observação da falta de uniformidade nos intervalos e precisão das datas, através da leitura atenta dos ensaios. Cada um deles não se circunscreve ao marco estabelecido em seus títulos, através de diversas conexões estabelecidas pela imaginação criativa dos articulistas. Esta abertura deriva do pressuposto que cada evento admite inúmeras possibilidades de ligações com outros fenômenos, criando diferentes perspectivas para um mesmo evento.

Uma pequena ilustração dessa concepção pode ser verificada pela análise dos primeiros ensaios que compõem *A New History of German Literature* (2004). Explicitamente, sua introdução afirma que “time is not a homogeneous flux” (WELLBERY, 2004, p. xxiii), por isso a tarefa dos articulistas é capturar (*to grasp*) a contínua reconstrução de referenciais dentro da qual a experiência do tempo é modificada. Um dos aspectos presentes nos ensaios do contexto alemão refere-se exatamente à ênfase nas diversas formas de entender temporalidade em diferentes momentos históricos, explorando como essas concepções determinam e moldam suas análises (p. xxiii). Nessa ótica, o ensaio de Hans Ulrich Gumbrecht, “744. The Charm of Charms. Bishop Boniface Finds a Monastery at Fulda, Where – Nearly Two Centuries Later – Magical Formulae in Old High German Are Recorded on an Empty Codex Page”, tem início com a fundação da Abadia de Fulda em 744, um evento que marca simultaneamente o poder da Igreja Cristã e a formação da nação alemã, mas não se restringe apenas a isso. Os tópicos temáticos em destaque referem-se a duas fórmulas mágicas (*charms*) encontrados na Abadia cerca de

duzentos anos depois da fundação, ultrapassando o limite temporal referido no título, mas, por outro lado, dando relevo a ocorrências desenvolvidas no mesmo espaço. Gumbrecht examina tais fórmulas, baseado nos ritmos e formas construídos através de recursos estilísticos, como a aliteração, por exemplo, dando ênfase às palavras mágicas como marca de uma conexão entre passado e futuro a partir do argumento que “the genre seems to have survived by keeping together the pagan culture of a pagan past and the present and the future of a Christian culture” (p. 7). Em sua hipótese,

while charms as a genre are far from any modern conception of literature, their magic mechanisms suggest a relationship of immediate tangibility to the things of the world which Western poetry – somehow unknowingly – has always presupposed and cultivated, since its own Occitan beginnings in the late 11th and early 12th centuries (GUMBRECHT, 2004, p. 7).

Embora o ensaio comece pela data 744, marco simultâneo para a cultura germânica e cristã, o articulista desenvolve várias ligações temporais e temáticas, fazendo com que um gênero longínquo passe a ter uma conexão para o leitor atual. Em sua abordagem, em vez de uma tradicional contextualização do gênero das fórmulas mágicas, a opção por uma análise formal através da construção de um relacionamento entre aqueles escritos do século XI e XII com textos do presente, sinalizam sua alternativa de abordagem histórica de textos literários. Através do seu método de leitura em busca de *Stimmung*, focado em ressaltar a materialidade das fórmulas, presentifica-se as atmosferas daquele passado pelo destaque às sensações causadas pelos seus ritmos. Cabe ressaltar que Gumbrecht analisa, em “Presence Achieved by Language (With Special Attention Given to the Presence of the Past)” (2006), precisamente distintas formas em que a linguagem produz presença, sendo essa função de “making absent things present and present things absent” é a “expectation associated with medieval charms” (GUMBRECHT, 2006, p. 320). Seguindo a sua perspectiva de coexistência de múltiplas curvas temporais, evoca-se o ano de 744, quando o Bispo Bonifácio funda um monastério, onde são encontradas fórmulas mágicas 200 anos depois. Esses passados são presentificados por causa da capacidade da materialidade literária de carregar atmosferas, sendo esta a terceira curva temporal existente.

Mesmo que esse primeiro ensaio seja completo e independente em seu desenvolvimento, é possível estabelecer relações com o segundo artigo, “Circa 800. The Carolingian Renaissance. Charlemagne Orders that the Vernacular Heroic Poems Be Recorded at his Palace School in Aachen”, de Karl Maurer. Seu marco inicial é o ano de 794, quando o rei dos Francos e Lombardos, Carlos Magno, decide se instalar na cidade de Aachen e lá constrói a sede de seu império, também transformada na importante sede da Escola de Palácio. Neste ensaio, Maurer constrói uma relação entre Carlos Magno e a escrita, considerada importante para a manutenção do contato com seus aliados. O ensaio termina com uma referência à canção de Hildebrando, explorando outros fatores quase contemporâneos ao ponto de partida para o ensaio de Gumbrecht, complexificando o próprio entendimento daquele período específico de formação da cultura germânica.

A exposição desses ensaios demonstra como eles, apesar de poderem ser lidos independentemente, possuem ligações múltiplas, para além da esperada conexão com o contexto sociocultural alemão. Cada um deles relaciona diversos momentos de forma criativa, cabendo enfatizar ainda a tentativa de Gumbrecht de evocar a possibilidade de se presentificar as sensações causadas pelos feitiços no leitor atual de seu ensaio através da análise dos ritmos e aliteraões, estratégia explorada pelo teórico em outros de seus trabalhos.

Cada articulista, portanto, estabelece variadas ligações partindo das datas que serviam como marcos temporais. Estes exercícios de criatividade na relação com os pontos focais ajudam a criar um efeito de surpresa no leitor, uma vez que não é possível determinar *a priori* as direções tomadas por cada um dos articulistas. Desta forma, a construção de conhecimento nesses experimentos, para além de derivar da transmissão do mesmo, estabelece-se também pelos afetos criados a partir da relação entre a surpresa do texto e a recepção do leitor. A ordenação cronológica, em vez de ser uma homogeneização linear, que enfatiza o tempo como transformação progressiva, na verdade procura atingir aquele momento oportuno em que várias curvas temporais convergem. Além das conexões estabelecidas pelos articulistas, os leitores desse experimento também podem instituir suas próprias ligações. Na medida em que os ensaios vão sendo lidos, mais elementos são adicionados e, possivelmente, contrapostos, criando uma visão heterogênea e aberta sobre a cultura literária alemã e cuja trilha é estabelecida a cada leitura.

O editor-executivo do setor de Humanidades da Harvard University Press, Lindsay Waters, em artigo publicado na ocasião do lançamento da nova história literária chinesa, sugere que a ordenação cronológica dos ensaios característica dos experimentos foi escolhida, na década de 1980, por ter sido considerada uma forma menos ideológica de se reintroduzir a dimensão histórica no estudo da literatura francesa, no âmbito intelectual de emergência do Desconstrucionismo, dos Estudos Feministas e Culturais (WATERS, 2017). Esta decisão, mantida nos volumes subsequentes, foi considerada acertada porque, em vez de as datas escolhidas serem entendidas como totalidades ou como conhecimento inútil, devido a uma inspiração benjaminiana, elas foram tidas como “pontos focais” à medida que uma data “concentrates events in a ‘kairos’ or ‘monad,’ thus shattering the historical continuum and the bare inventory of atomic facts, interpreting the past from out of the highest energy of the present” (WATERS, 2017, s/p). A substituição da noção de tempo governado pelo *krónos*, mensurado, linear, controlado, por uma percepção do tempo do oportuno e do empenho, da absorção no que se está fazendo, ajuda a dar mais significado às datas organizadas. Na análise de Waters, baseado nas considerações do pesquisador de Ciências Cognitivas Edwin Hutchins, as datas são vistas como interativas, funcionando como pontos de referência para que o leitor possa construir suas próprias conexões à medida que vai lendo os ensaios. Como ele explicita, “the readers of this book are not invited to be gravediggers exhuming a bit of knowledge, a bone here, a skull there, as in *Hamlet*. Rather they are invited to consume food to live in the present. Communion is the goal, not communication” (WATERS, 2017). Este desejo se comunica com a explicação de António Damásio para a emergência da mente cultural, ligando-a às reações afetivas existentes na interação do ser humano com o mundo (DAMÁSIO, 2018). Assim como o neurocientista afirma que sem afetos, os indivíduos não procurariam formas criativas de regular a vida, são igualmente os afetos produzidos nos ensaios em função das surpresas causadas que estimulam o contato com eles.

Essa forma de percepção temporal encontra ressonância com as propostas de Gumbrecht, principalmente no que tange o seu desejo de explorar a coexistência de curvas temporais em um mesmo momento através da materialidade dos textos, examinados pela sua capacidade de provocar reações afetivas. Este aspecto está igualmente presente na historiografia francesa, como perceptível no ensaio “1853.

French Poe”, de Jefferson Humphries, no qual é examinada a tradução do poema “O corvo”, do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, pelo poeta francês Charles Baudelaire. Humphries destaca a recepção calorosa do texto de Poe no contexto francês, principalmente pela influência do próprio Baudelaire e de Stéphane Mallarmé, contrastando com as críticas recebidas no cenário americano (HUMPHRIES, 1989, p. 723). Para ele, os textos de Poe se tornaram tão relevantes no contexto francês devido às marcas deixadas ao longo do tempo pela recepção naquele local, ressaltando o chamado “misticismo científico” presente em sua obra, que “in French, and to the French, this aspect of Poe’s work, which appears ludicrous in English, is considered not only praiseworthy but even the mark of genius” (p. 724). Embora na tradução Baudelaire e Mallarmé “left out most of what appears offensively or silly in the English and added touches of their own” (p. 725), suas diferentes recepções se relacionam com as diferentes visões que atravessaram o poema.

Nesse sentido, o Poe francês é marcado pela coexistência entre sua materialidade, sua tradução e suas diversas leituras, diferentes das efetuadas no contexto americano e, por isso, resultam em um entendimento singular do escritor. Essa coexistência múltipla de leituras pode ser entendida a partir do exemplo de Gumbrecht sobre os aeroportos como “emblemas das relações espaço/ tempo pós-modernas” (GUMBRECHT, 1998, p. 278), pela multiplicidade de curvas temporais vivenciadas naquele mesmo espaço. Assim como nos aeroportos, um viajante pode experimentar sua manhã ao descer do avião, mas o horário do almoço no local de chegada, “O corvo” também foi marcado pelas leituras de Mallarmé, de Baudelaire, dos surrealistas no contexto francês, mas não corresponde às marcas recebidas no seu contexto de origem. De qualquer forma, outro aspecto relevante desse ensaio consiste no aparecimento do grande poeta Charles Baudelaire como um tradutor, em vez de enfatizar a sua obra.

#### 4.

Ao procurar enfatizar tanto a capacidade dos textos literários de testemunhar experiências humanas, quanto ecoar na vida de seus leitores, pressupõe-se uma concepção de textos literários não apenas como documentos de determinado

período, mas como fenômenos singulares impossíveis de serem definidos apenas pela análise de seus contextos de produção. Segundo o editor do experimento alemão, David Wellbery,

the meaning of literary texts – their capacity to testify to human experience and to resonate in the lives of their readers – is inseparably tied to the singularity of their moment, to their primary historical character as contingent events. Paradoxically, in the inherited form of literary-historical writing, it is just this character of literature that goes missing (WELLBERY, 2004, p. xvii).

Nesse sentido, critica-se a visão causa e consequência entre texto e contexto, predominante nas historiografias literárias tradicionais, que desconsideram a potencialidade mais significativa das ficções literárias de afetar leitores de diversos contextos espaço-temporais e que são incapazes de avaliá-las em sua singularidade ao transformá-las em exemplos de forças exteriores, tendências ou normas, o que as torna substituíveis (WELLBERY, 2004, p. xvii). Como alternativa, além de informar seus leitores, cada ensaio presente nos experimentos se inspira nessa capacidade de textos literários e tenta permanecer uma potência, capaz de afetar seus leitores<sup>2</sup>. Heidrun Olinto (2018) assinala a relevância da escrita ensaística nestes experimentos, em sua pretensão de unir arte e ciência através de sua maior flexibilidade, enfatizando a busca de uma linguagem que “não se baseie portanto em princípios de causalidade mas, ao contrário, em momentos de casualidade – do acidente que perturba expectativas” (OLINTO, 2018, p. 38). Reconhece-se, a partir dessa característica, uma renovação não apenas de objetivo, mas igualmente de expectativa sobre construções de conhecimento histórico literário, tanto nos ensaios individualmente, quanto em sua leitura em conjunto. Cabe destacar as reflexões de Stephen Greenblatt sobre a possibilidade da linguagem literária de invocar realidades passadas, em sintonia com o objetivo dos experimentos, analisadas igualmente pelas contribuições de Damásio sobre a capacidade de situações imaginadas afetarem o funcionamento do corpo, fenômeno chamado pelo neurocientista de “as-if body loop” (DAMÁSIO, 1999).

---

<sup>2</sup> Ressalto, nesse sentido, uma semelhança com a proposta do novo historicismo desenvolvida por Greenblatt, pois ambos os experimentos procuram inserir a curiosidade e a fascinação na construção de conhecimento sobre um passado literário.

Exemplo paradigmático desse aspecto é o ensaio presente em *A New Literary History of America* (2009), escrito pelo comentarista televisivo e escritor Michael MacCambridge, “1960, January. More than a Game. The Giants Were My Delight, My Folly, My Anodyne, My Intellectual Stimulation.” O ponto de referência é a reunião de onze dias, ocorrida em janeiro de 1960, entre representantes da Liga de Futebol Nacional (NFL) para decidir quem substituiria o antigo *commissioner* Bert Bell, falecido no ano anterior. O escolhido foi o “improvável” Alvin Ray “Pete” Rozelle, que nas próximas três décadas, auxiliou no crescimento da NFL e do esporte profissional, bem como na sua transformação em um dos mais populares esportes nacionais (MACCAMBRIDGE, 2009, p. 890). Dentre diversas curiosidades apontadas, MacCambridge sugere que o futebol americano foi deixando de ser um esporte de terceira classe, como era após a II Guerra Mundial, através de um aumento de popularidade durante os anos 1950. Segundo o autor, o baseball, fechado em suas tradições, demoraria a perceber a mudança que ocorria no cenário esportivo americano. Uma chave para entender o crescimento da Liga é sua adesão a contratos televisivos, uma vez que o futebol americano seria mais atrativo para espectadores devido ao seu tempo e ação. Além disso, o autor analisa revistas esportivas como o *Sports Illustrated*, importante referência para a classe média dos anos 1960, além de livros sobre o tema. O ensaio termina retratando como o futebol americano estava se transformando em algo mais do que um simples jogo esportivo, para se tornar uma grande paixão e “no one understood that better than Rozelle, whose presence proved decisive in both the swiftness and completeness of the league’s ascent” (p. 892). No início do novo século, o jogo continua a crescer em popularidade e, por isso,

Jacques Barzun may have been right: to know America it may still be necessary to know baseball. But to *understand* the world’s lone superpower at the dawn of the new century, to reconcile its passion and industry, its idealism and contradictions, it is necessary to understand the National Football League and its audience. In a land increasingly divided by demographics and niche marketing, pro football is our biggest civic tent, our last genuinely mass entertainment (MACCAMBRIDGE, 2009, p. 894).

Dois méritos deste ensaio são, primeiramente, este contundente prognóstico, que embora justificável, pode causar espanto ou mesmo curiosidade. Segundo, a

maneira como o ensaio vai sendo desenvolvido, em que o tema do futebol americano transforma-se em um fenômeno inegável de ser contemplado pela historiografia literária americana, não apenas pelas produções fílmicas e literárias decorrentes do esporte, mas também pela força com que esse esporte foi se consolidando naquele contexto.

Como nos outros ensaios, ele extrapola a data de referência para abordar como o esporte foi sendo visto e analisado ao longo do tempo, até chegar ao período presente, em que o futebol americano é tido como um dos símbolos nacionais. Neste ensaio, são enfatizadas as curiosidades relacionadas ao esporte, como a própria reunião que funciona como mote inicial, e nos inúmeros livros e revistas que abordam o futebol americano.

Além de concentrar algumas das características fundamentais deste experimento, esse ensaio também é paradigmático pelos paralelos que podem ser traçados com o *New Historicism*. Montrose (1989) explicita uma predileção pelo anedótico naquele movimento, aspecto que, no caso do experimento, aparece na história incrível de uma reunião que parecia sem saída e que elegeu uma pessoa que revolucionaria o esporte. A casualidade, em substituição a uma percepção temporal baseada em causas-e-consequências, ajuda a manter o suspense o interesse no evento narrado. Ela também sintetiza uma concepção de história que se interessa menos pela explicação e mais pela própria narrativa como potencialmente construtora de conhecimentos sobre realidades passadas. Além disso, ambos partem da ideia que qualquer fenômeno pode ser domínio de uma crítica literária, em constante processo de interpretação e reinterpretação, formando uma coleção de diferentes histórias que ativam a curiosidade de seu leitor (MONTROSE, 1989, p. 19) e forma *uma* grande História, mas não como sendo a única alternativa possível.

Além da difícil tarefa de transformar um esporte em matéria pertinente em uma historiografia literária, há igualmente a dificuldade em propor uma inovadora análise de clássicos da literatura, como aparece no ensaio “1851. ‘Give it up, sub-sub!’ *Moby-Dick; or The Whale*”, de Greil Marcus, um dos editores desse experimento. Ele explica porque um livro tão famoso, cuja frase inicial, “Call me Ishmael”, encontrada surpreendentemente como adesivo de carro, não pode ser considerado um clichê (MARCUS, 2009, p. 284-5). Sua proposta, apresentada na primeira frase do ensaio, “Isn’t that America, the thing itself, right there?” (p. 283),

é mostrar o relacionamento entre uma concepção de América com a narrativa da caça obsessiva de um capitão à baleia que decepou sua perna. Esta inusitada correlação serve como gancho para capturar a atenção de seu leitor, embora tenha sido estabelecida previamente, uma vez que alguns historiadores sugeriam que Herman Melville teria previsto no romance publicado em 1851 os acontecimentos da Guerra Civil Americana, ocorrida entre 1861 e 1865, hipótese considerada infundada por Marcus. Ao longo do ensaio, ele destaca inúmeras situações que se referem à *Moby Dick* para demonstrar a constante presença da baleia branca no imaginário americano. A abertura do livro, por exemplo, “is the most famous opening line in American literature, in the American tall tale, in the American shaggy dog story” (p. 284), transformando qualquer contato com o texto em uma releitura, uma vez que ele será atravessado pelas referências existentes. Apesar dessa ampla circulação, ele questiona “Why is it not a cliché?” (p. 285), propondo como possibilidades

Because it rings a bell, because the lines snaps back like a fore boom? Or because it speaks for the America as a creature of disguise and self-invention, each one an embodiment of his or her own country, fated to act out its whole drama in his or her own skin? John Smith, James van Sciver, Abe Gratz, Sergius O’Shaughnessy, Roberto Maggiore, Fritz Schneidermann – any of those could be the name Ishmael is hiding. “Call me Ishmael” means we will never know what it is (MARCUS, 2009, p. 285).

Para Marcus, a narrativa de Melville mantém uma sensação de que “you can’t believe you are alive to tell the tale” (p. 286), fazendo-o destacar reações possivelmente experienciadas no processo de escrita de Melville, sentado sozinho a sua escrivaninha, sem saber o destino de seus personagens, como forma possível de leitura deste romance, tratando-o como um mar ainda a ser navegado (p. 287). Precisamente a forte presença de *Moby-Dick* na cultura norte-americana é sinal de sua potência e sua capacidade de continuar afetando seus leitores. Neste sentido, o ensaio funciona como um convite para que leitores se entreguem à potência afetiva da narrativa de Melville.

O relacionamento entre eventos ocorridos em diversos períodos a fim de analisar uma só temática, aspecto presente tanto no ensaio sobre o futebol americano quanto no do *Moby-Dick*, converge com as propostas de Michal Klincewicz (2014) sobre o entendimento de percepção de tempo como relacional.

Ao compreender a percepção de tempo como relacionada à percepção de mudança, dependendo da comparação de eventos e objetos de um momento para outro, ele argumenta que, “without perception of duration time would not appear to flow at all and this is why the perception of time’s flow is dependent on awareness of change: perception of duration depends on perception in change” (KLINCEWICZ, 2014, p. 1). A percepção que o futebol americano precisou de um acaso, a escolha de um “improvável” comissário, para que o esporte se desenvolvesse até chegar a forma conhecida hoje em dia, e que o romance *Moby-Dick* um dia foi uma surpresa ajuda a perceber as diferenças nesses objetos, construindo assim, uma percepção de passagem de tempo. Esse fato é visível principalmente no ensaio de Marcus, uma vez que, ao mesmo tempo que mostra o romance de Melville como marcado pela ampla circulação, funciona como um convite para que o leitor procure pela mesma sensação de surpresa que os primeiros leitores da aventura tiveram. Portanto, constrói-se um conhecimento histórico sobre essas temáticas, mas sem ser situando-as em seus contextos de produção, mesmo porque, são materiais que permanecem vivos e não deveriam ser circunscritos a um momento específico. Justamente a descrição das diferentes percepções que mostra como eles são históricos e podem ser analisados por essa perspectiva.

Baseando-se na premissa de Klinecicz que “awareness of change may but need not occur consciously” (p. 5), o conhecimento histórico, que se preocupa com a interação dos indivíduos no e com o tempo, pode advir de estratégias que conscientizem as mudanças ocorridas de um momento para outro. Esta concepção, de certa forma, possui similaridades com reflexões sobre o tempo histórico no campo da História. Como analisa Leslie Kavanaugh em “The Time of History/ The History of Time” (2007), a noção de tempo como camadas que se sucedem é questionada por concepções que apostam na relação tempo e espaço, analisada através de noções como “simultaneidade do não-simultâneo” (*non-contemporaneous contemporaneity*) e multiplicidade de temporalidades. Após os desafios à ideia de progresso colocados após a Grande Guerra, ela sugere que “instead of the common practice of examining history by making off historical events within given location, we might consider what it would look like to consider history as a multiplicity of hybrid temporalities” (KAVANAUGH, 2007, p. 4). A

existência desse tipo de tempo múltiplo é o que precisamente se observa nestes experimentos como forma de produção de conhecimento histórico.

A heterogeneidade de informações dessas publicações da Harvard University Press, derivada dessa noção de tempo múltiplo, pode levar a uma intuição habilidosa. Assim como na pesquisa do jogo das cartas (IMOORDINO-YANG; FAETH, 2016) analisado no capítulo anterior, em que participantes não poderiam prever o valor das cartas escolhidas, mas coletam informações emocionais mesmo com essa imprevisibilidade, os experimentos também tiram proveito da intuição na produção de conhecimento ao ampliar o escopo de informações elencadas. Além disso, por causa da ênfase na heterogeneidade, cada ensaio pode provocar reações diversas em seus leitores, tornando cada encontro com o experimento um evento de surpresa, amor, ódio. Esses efeitos são importantes porque, de acordo com as pesquisadoras, o aprendizado é mais eficiente com o envolvimento de processos afetivos, pois são eles que chamam a atenção para aspectos relevantes.

## 5.

Outro caso paradigmático dessa concepção revigorada de percepção temporal se encontra no ensaio “1635: Yang Tingyun Defines *wenxue* as Literature; 1932, 1934: Zhou Zuoren and Ji Wenfu Trace the Origin of Modern Chinese Literature and Thought to the Late Ming Dynnasty. The Multiple Beginnings of Modern China”. Esse ensaio procura compreender o processo de modernização do conceito chinês *wenxue*, a palavra chinesa traduzida como literatura, estabelecendo algumas bases para a sua compreensão em perspectiva histórica. Em apenas cinco páginas, o pesquisador Sher-Shiueh Li da Academia Sínica, Taiwan, percorre não apenas as três datas inicialmente elencadas – 1635, 1932 e 1934 –, mas também outros marcos considerados relevantes na compreensão do processo de modernização da literatura chinesa. *Wenxue* não apareceu pela primeira vez nos trabalhos do reformista Kang Youwei (1858-1927) ou como bandeira de modernização do Movimento Quatro de Maio (1919). Na verdade, antes mesmo da virada do século XIX para o XX, quando a literatura “moderna” se tornou um emblema, houve muitas tentativas de renovação na literatura chinesa (LI, 2017, p.

29). Um desses momentos foi quando o budista Yang Tingyun (1562-1627), após contato com jesuítas, converteu-se ao catolicismo e começou a escrever panfletos religiosos. Em um desses panfletos, publicado postumamente em 1635,

Yang informs his readers that Western education begins with *wenxue*, whose loose English equivalent is ‘literature’. For Yang, *wenxue* encompasses not only poetry and prose but also historiographies and argumentative essays, in addition to the proverbial sayings of ancient sages (LI, 2017, p. 29).

O convertido cristão ampliou a concepção até então utilizada de *wenxue*, existente nos *Analectos de Confúcio*, em que sua tarefa era integrar as lições passadas nela à própria conduta, relacionando-a a uma espécie de edificação cultural (p. 30). Daquele momento até o início do século XX, ainda ocorreram inúmeras mudanças, relacionadas a diversos fatores como o enfraquecimento e queda da Dinastia Ming, mudanças no confucionismo, o advento de missões estrangeiras como as jesuíticas e as protestantes. Em março de 1932, um dos líderes do Movimento de Quatro de Maio, Zhou Zuoren (1885-1967), conferiu uma palestra sobre a origem da literatura moderna chinesa, em que expressou sua admiração pela produção da Dinastia Ming tardia, encontrando ecos importantes que relacionavam a literatura ao temperamento individual e à mudança temporal. Em 1934, Ji Wenfu, um intelectual e historiador marxista, publicou *The Leftist School of the Wang Yangming*, no qual também rastreava a origem da literatura moderna chinesa à dinastia Ming, ao relacioná-la com o radicalismo do filósofo e general Wang Yangming (1472-1529). Os dois intelectuais divergiam sobre os marcos iniciais e finais da era Ming, embora concordassem sobre a sua importância como um incipiente sinal de momento revolucionário. De qualquer forma, ambos entendiam que a história literária compreendia muitos momentos de quebras e continuidades. Para o autor desse ensaio, “the fact that they sought to trace the beginnings of modern China literature to the late Ming era reminds us that modernity is always overdetermined” (p. 34). Sabendo que “the dates 1635, 1932 and 1934 represent no more than three of the entry points to the immense constellation of Chinese literature” (p. 34), Sher-Shiueh Li demonstra não apenas a abertura de inícios, mas também de finais na narrativa da modernização da literatura chinesa. Segundo ele, as histórias literárias escritas na década de 1930 continuam sendo informativas precisamente por terem rastreado as múltiplas trajetórias de *wenxue*.

Este primeiro ensaio consegue introduzir o complexo significado de literatura moderna no contexto sociocultural chinês, sem necessariamente limitá-lo, servindo como importante ponto de partida não apenas para os estudiosos, mas também para quem não possui conhecimento algum sobre a história literária chinesa. Nele, percebe-se que o processo de modernização da noção de literatura é considerado através de movimentos amplos e plurais, em que marcos são escolhidos a partir da própria interpretação do historiador do significado de moderno. Por essa concepção, pode-se estabelecer uma conexão entre as interpretações de *wenxue* do século XVII e XX, sem que seja traçado, no entanto, um entendimento progressista.

Esse convite inicial demonstra como outras redes de entendimento para a modernização da literatura chinesa poderiam ter sido construídas, precisamente por não determinar marcos fixos de início e final. Essas informações introdutórias e altamente elucidativas podem aguçar a curiosidade sobre o processo de modernização da literatura chinesa, justamente pela complexidade na apresentação do tópico. O primeiro ensaio, nesse sentido, pode ser ressignificado na medida em que o leitor vai lendo e conhecendo mais sobre aquele contexto através da leitura dos outros ensaios, podendo encontrar diversas perspectivas e ainda compondo sua própria constelação através dos múltiplos encontros e confrontos que o aguardam nesse experimento.

Ao possibilitar essa abertura na compreensão histórica da literatura moderna chinesa, ele consegue sintetizar não apenas a noção de temporalidade que norteia o experimento, mas igualmente a corrente noção de temporalidade estudada pela neurociência, como, por exemplo, as pesquisas de David Eagleman (2009) sobre os mecanismos cerebrais ativados no processamento e aprendizado de percepção temporal. Ao demonstrar como o cérebro ordena informações recebidas e processadas em diferentes velocidades para dar sensação de simultaneidade e de duração, a noção de tempo como um rio que flui torna-se equivocada. Segundo Eagleman, “when we examine the problem closely, we find that ‘time’ is not the unitary phenomenon we may have supposed it to be” (EAGLEMAN, 2009, p. 3), estando sujeito aos quadros de referências individuais, às emoções e às memórias que auxiliam a dar significado a um evento ou fenômeno. Como é uma arquitetura cerebral que organiza e interpreta os estímulos de forma rápida, essas primeiras

interpretações podem ser refinadas e ressignificadas a fim de possibilitar melhor investimento de tempo e ações (p. 7).

Precisamente essa concepção de tempo como uma construção cognitiva e, conseqüentemente, tendo a influência de processos afetivos, ajuda a compreender a percepção temporal que norteia não apenas esse último ensaio analisado, mas igualmente os experimentos da Harvard University Press de forma geral. Os marcos de início e fim da modernização da literatura chinesa são interpretações, baseadas em processos afetivos e cognitivos, que conectam diversas informações em termos de duração e mudança. Sendo uma possibilidade de construção, dentre as inúmeras possíveis, a escolha por utilizar datas apenas como referências possibilita que outras conexões sejam feitas. A organização cronológica, nesse sentido, surge apenas como uma primeira referência cuja intenção é ajudar na coleta e interpretação das informações, podendo ser continuamente ressignificada pelo leitor. Da mesma forma que a percepção temporal em nível cerebral depende da existência de estímulos, sendo necessário esse contato com as coisas do mundo para que as informações sejam processadas e organizadas em termos de simultaneidade e duração, o historiador literário também lida com vestígios que limitam o uso da sua criatividade na organização dos eventos históricos. Nesse sentido, é o contato com diversos eventos e fenômenos que permitirá que ele crie uma organização, mas que somente é possível através dessas interações iniciais.

Esse tipo de entendimento, que está presente no tipo de escrita valorizado nos experimentos, através da recusa de unir essas variadas estruturas temporais em uma dimensão linear da narração, deve-se ao desejo de “preserve the novelty and surprise that characterize the historical present” (WELLBERY, 2004, p. xxiii). Essa mesma preocupação é analisada pelo historiador alemão Jörn Rüsen, conforme demonstra Heidrun Olinto em seu texto “Novas sensibilidades para a historiografia (literária)” (2004), no qual a pesquisadora propõe notas sugestivas para futuros projetos de histórias literárias. Dentre outras contribuições, são indicados alguns questionamentos de Rüsen sobre a necessidade de uma nova racionalidade para a história que consiga unir as novas preferências historiográficas vinculadas à micro-história, em sua vontade de restituir “dignidade” às vidas passadas através de narrativas mais cotidianas e pessoais, com uma tendência mais macro,

comprometida com investigações de longa duração e estruturais. O dilema ressaltado por ele sobre a multiplicidade de vivências poderia ser resolvido pelo

princípio normativo do reconhecimento recíproco de diferenças na vida humana', um princípio que permitiria um novo acesso à experiência histórica que vincula a unidade da humanidade e da evolução no tempo com a diferença das culturas, por um lado, e com a sua multiplicidade, por outro (OLINTO, 2004a, p. 27).

Reconhece-se, portanto, que uma visão macro de história não depende de uma perspectiva unitária e progressiva, sendo precisamente o abandono da ideia de progressão que poderia ajudar a restituir a dignidade às realidades passadas, facilitando a sua apreensão sem se pautar em uma transferência de valores atuais.

Desenvolvendo mais sobre o entendimento dos pressupostos analíticos e reflexivos da micro-história, explica Jacques Revel no prefácio “A história ao rés-do-chão” para o livro de Giovani Levi *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII* (2000), clássico dessa abordagem publicado originalmente em 1985,

Aos leitores que esperam de um livro de história algo mais do que uma narrativa envolvente, um exotismo previsível, o eco de sua própria nostalgia, *A herança imaterial* deveria proporcionar os prazeres sutis e complicados de uma experiência intelectual. O livro não lhes propõe nada menos do que associá-los à **reflexão de um historiador à procura de seu objeto**. Nada menos pretensioso, nada mais ambicioso também do que este pequeno livro, cujo primeiro mérito é nos oferecer a chance de um verdadeiro *dépaysement*. Chance por demais rara para não ser aproveitada (REVEL, 2000, p. 7).

Se em um primeiro momento, o trabalho com as micro-histórias pode estar relacionado a um divertimento, a análise de Revel associa-as com a própria construção de eventos e fenômenos históricos a serem estudados. Em sua perspectiva, uma das especificidades dessa abordagem é mostrar como historiadores coletam informações, organizando-as e outorgando significados.

Semelhantemente ao projeto da micro-história, as experiências afetivas propiciadas pelos pequenos pontos de iluminação dos experimentos da Harvard University Press, para além dessa diversão ligada às historietas e ao prazer da descoberta, também é uma estratégia que se vincula ao próprio entendimento de percepção temporal como uma construção cognitivo-afetiva, em que cada

articulista vai elaborando seu material de análise na medida em que vai iluminando os eventos e fenômenos. Como Revel propõe,

Parece-me mais importante o desejo fortemente afirmado de estudar o social não como um objeto dotado de propriedades, mas sim como um conjunto de inter-relações móveis dentro de configurações em constante adaptação. Percebe-se bem aqui a influência de uma antropologia anglo-saxã menos afetada do que a nossa pelas grandes arquiteturas sistemáticas, mas mais atenta, por vezes, à construção de papéis sociais e à sua interação (REVEL, 2000, p. 17).

Essas inter-relações móveis, as múltiplas temporalidades que coexistem em cada uma das datas analisadas, conectadas pelas expectativas, pelos afetos e métodos do historiador, fazem parte da percepção temporal desses experimentos e singularizam a sua percepção temporal e o modo com que se constitui o conhecimento histórico. Ela também ressalta o estudo de eventos, em vez de objetos fechados e descritos como uma totalidade.

As pequenas “micro-histórias” que compõem os experimentos, quando lidas em conjunto, possibilitam a construção de uma narrativa em nível macro, caracterizada não pela linearidade e unidade, mas pelo convívio das diferenças. Portanto, a configuração de escrita dos experimentos publicados pela Harvard University Press busca combinar “the pointillism of the chronicle and the comprehensiveness of *grand récit*” (WANG, 2017, p. 12), uma vez que cada data funciona como um ponto de iluminação, que, por sua vez, forma uma constelação ao serem lidas em conjunto.

## 6.

Essa perspectiva construtiva da percepção de realidades passadas é acentuada no último ensaio do experimento chinês, “2066. Mars over America”, de Mingwei Song, cuja data de referência, 2066, faz alusão a um futuro utópico construído em uma narrativa de ficção científica. Tendo como ponto de partida o cenário construído em *Mars over America*, de Han Song, – título traduzido para o inglês também como *2066: Red Star over America* e *America under Mars* – o ensaio inicia precisamente com essa atmosfera utópica: “In 2066, China Dominates the World as Its Sole Superpower. A team of Chinese Go players is sent to the poverty-stricken United States to show off China’s cultural superiority” (SONG, 2017, p.

951). Esse romance faz parte de um gênero que projeta “the political desire for China’s reform onto an idealized, technologically more advanced world” (p. 951), cuja influência advém do romance inacabado *The Future of New China*, de Liang Qichao, publicado em 1902.

Uma das marcas da ficção científica chinesa do início do século passado, segundo o pesquisador, seria seu caráter nacionalista, baseado na “image of a politically and technologically transformed future China functioned as the engine responsible for the genre’s cultural dynamism” (p. 952). Essa característica é muitas vezes parodiada em produções mais recentes, explicada como derivada de transformações sociais e econômicas ocorridas no contexto chinês. Exemplos dessa ressignificação da ficção científica chinesa são o romance *China 2185*, de Liu Cixin, publicado em 1989, que “describes a cyberspace, an uprising that paralyzes the authorities in the real world” (p. 952), e o próprio *Mars over America*, cujo título faz referência tanto ao centenário da Revolução Cultural Chinesa quanto ao livro *Red Star over China* sobre a ascensão do maoísmo. A ascensão e popularização da ficção científica no limiar do século XXI, como aconteceu um século antes, é entendida como uma forma de inspirar uma nação, como afirma o romancista Han Song, “science fiction is a sort of literature that dreams, and it is itself a utopia” (p. 956).

Embora esse ensaio poderia ter se baseado em outras datas como marco, como, por exemplo, a data de publicação de romances fundacionais em 1902 ou 1989, a escolha por 2066 traz um impacto justamente pela imagem de futuro que projeta. Conforme indica Mingwei Song, “Chinese science fiction enlivens the dream for the future of a new China, and the contemporary new wave also unleashes its nightmarish shadows” (p. 956-7), ou seja, uma compreensão do que o historiador Reinhart Koselleck (2006) chama de horizontes de expectativa, conectados aos afetos e entendimentos de eventos ocorridos ao seu redor. Mais do que uma reflexão pela perspectiva histórica sobre a ficção científica chinesa, finalizar esse experimento com um ensaio voltado para o futuro sinaliza uma abertura de possibilidades imaginadas para o contexto sociocultural chinês, além de um futuro indeterminado sujeito a casualidades do presente.

Além de sintetizar a inovação e especificidade sobre a noção de temporalidade em *A New Literary History of Modern China* (2017), esse ensaio

também aponta para uma de suas características básicas que é a produção de conhecimento através de uma relação de surpresa com as temporalidades. Não se espera encontrar em uma cronologia de uma história literária uma data que ainda não chegou, aguçando a curiosidade sobre o assunto abordado no ensaio. Possibilita-se, portanto, que o tópico seja não apenas compreendido, mas também experimentado pela estranheza e confrontação que advém dessa data futura.

Outro aspecto intrigante é a relação estabelecida entre as ficções científicas do início do século XX e XXI. O articulista cria conexões entre os dois projetos, mas não tenta estabelecer uma relação determinista ou mesmo progressista entre os dois fenômenos. Pelo contrário, a maneira como as ficções são abordadas, como interpretações de expectativas de futuro, estimula sensações de surpresas e expectativas sobre o que aguarda o futuro literário chinês. Essa estratégia de despertar sensações de surpresa com o que pode ser descoberto é possível pela concepção de que as percepções de temporalidades são derivadas de construções afetivo-cognitivas, passíveis de serem conectadas por múltiplos meios. Caso a perspectiva de percepção temporal ainda fosse como aquele rio que flui, eventos e fenômenos seriam mais previsíveis, ou mesmo esperados, por serem apenas uma consequência de fatores constituídos *a priori* ou que seguem uma teleologia.

A produção de efeitos de surpresa, propiciadas pela percepção de tempo como construção, pode se favorecer das discussões propostas por Gabrielle Starr, em *Feeling Beauty. The Neuroscience of Aesthetic Experience* (2013), em que ela parte do princípio que a compreensão das diferenças históricas e individuais na experiência estética em uma perspectiva temporal se beneficia do entendimento do seu funcionamento nas redes neurais. Ela investiga a sobrevivência de objetos estéticos às migrações de cultura e às transformações de gosto ao longo do tempo através da análise da arquitetura mental envolvida nessa experiência, destacando a sua capacidade de extrair prazer do imprevisível (STARR, 2013, p. 120). Precisamente porque a arquitetura mental envolvida na experiência estética envolve uma habilidade de “wrest pleasure from the unpredictable and to refine, continually, how we imagine the borders between the world of sense and our sense of self” (p. xv), pode-se compreender, a percepção temporal norteadora dos experimentos como produzindo conhecimento a partir desse tipo de experiência, através do privilégio dado a efeitos de surpresa e encontros, possíveis pelas conexões

inovadoras entre múltiplas curvas temporais estabelecidas pelos articulistas em cada ensaio. Além disso, conforme a estudiosa explica, processos afetivos e emocionais são integrantes da experiência estética porque dirigem a atenção para determinados eventos e fenômenos, que poderiam ser ignorados se não fosse por esse guia (p. 36). Nesse quadro referencial, sabendo que a introdução de *A New Literary History of Modern China* explicita como um de seus objetivos encontrar “new ways to engage the roots and ramifications of modern Chinese literary history” (WANG, 2017, p. 2), também ressaltando o importante papel da tradução como meio de transculturação através da qual China e outras civilizações “encounter and generate new forms of knowledge, feeling, and power exchange” (p. 19), exatamente o imprevisível que é valorizado nesse experimento. De acordo com Starr,

the knowledge to which aesthetic experience can lead, I suggest, may emerge because aesthetic value is both thought and felt; it is something 'cognitive', 'sensory', and 'emotional'. It is subjective, contingent, experiential (and at a neural level computational) (STARR, 2013, p. 16).

Na introdução do experimento chinês, Wang indica como ele “encouraged the contributors, some of whom are renowned creative writers, to adopt whatever form they felt best to express their historical ‘feeling’” (WANG, 2017, p. 9), fazendo com que o tipo de conhecimento proposto nesse experimentos seja semelhante àquele alcançado pela experiência estética como definida por Starr, que é entendido como derivado da união de processos cognitivos e afetivos.

As propostas de Starr e desse experimento convergem ao considerar o conhecimento derivado de experiências estéticas não como um objeto limitado, mas como eventos que “foreground dynamism and temporality, even at a minute level” (STARR, 2013, p. 18), privilegiando múltiplas experiências temporais de diversas durações e intensidades. É também pela conjunção entre percepção temporal e experiência estética que se pode compreender cada evento e fenômeno sendo analisado a partir de novas percepções, valorizando novos elementos e aprendendo como comparar o que poderia parecer incomensurável (p. 27). Em uma percepção de tempo linear e explicativo, não haveria espaço para os inesperados, para as contingências, uma vez que situações e objetos analisados seriam apenas exemplos de um estilo ou categoria. Mas, em uma percepção de tempo como flexível,

múltiplo e complexo, dependente de processos cognitivos e afetivos, abre-se espaço para esse outro tipo de experiência e, conseqüentemente, para essa nova proposta de produção de conhecimento histórico sobre literatura. Cabe destacar que os efeitos corpóreos provocados pelo contato com eventos inesperados são explicados por António Damásio (1996) como mecanismo de preservação da vida, em que o corpo se prepara para agir antes mesmo que a mente racional consiga articular alguma explicação.

Esta proposta apresenta semelhanças com a perspectiva defendida por Hans Ulrich Gumbrecht, em que o conhecimento histórico também advém da experiência corpórea de uma atmosfera, no caso, de uma experiência estética que consegue produzir reações a partir de eventos inesperados. No entanto, a diferença entre as duas propostas experimentais é que, enquanto Gumbrecht quer trazer para próximo de si experiências temporais passadas, uma vez que todas fazem parte do cronótopo pós-moderno, o conhecimento histórico desse experimento chinês, mais especificamente e dos experimentos da Harvard University Press, no geral, privilegiam o inesperado, o insólito, a casualidade, em que o efeito de surpresa e de confrontação auxiliam na compreensão das realidades passadas dos diversos contextos culturais analisados, mesmo que em uma etapa posterior esses eventos e fenômenos imprevisíveis possam “bring the world home” (WANG, 2017, p. 14).

## 7.

Outra forma de provocar efeitos-surpresa é através da inserção de abordagens inovadoras e experimentais possibilitada pela liberdade dada aos articulistas, extrapolando a produção de conhecimento histórico de literatura através do relacionamento entre texto e contexto. No ensaio “2012. Mo Yan Wins the Nobel Prize in Literature”, do próprio Mo Yan, na publicação *A New Literary History of Modern China* (2017), por exemplo, em vez de uma esperada explicação sobre a importância do prêmio Nobel ou dados biográficos do ganhador, há a transcrição de um trecho retirado do pós-escrito da edição chinesa do romance *Life and Death are Wearing me out* desse mesmo escritor publicado em 2006, no qual ele defende que “length, density, and difficulty: these are the hallmarks of a novel,

and it is in these qualities that the dignity of the great art form resides” (YAN, 2017, p. 930). Neste trecho, ele defende a dignidade do romance através da sua capacidade de estimular compaixão, com personagens densos, que emitem pensamentos complexos. Apesar de ser uma leitura difícil, que desafie seu leitor através da estrutura, linguagem ou das ideias, ele conclui que essas ideias devem ser respeitadas “even if that only leaves one reader for my novel, that’s the way I will write” (p. 934).

Esse ensaio demonstra como não apenas o conteúdo pode ser surpreendente, mas também como cada articulista utiliza seu espaço, deixando em aberto as possibilidades de encontro com seu leitor. Além disso, o conhecimento histórico pode surgir não apenas da busca por explicação, mas a partir do contato com o próprio romance a ser analisado, conforme a estratégia adotada por Mo Yan. É uma estratégia interessante precisamente por permitir a descoberta do que aquele ganhador do Nobel esperava de um romance no início do século XXI, podendo mesmo ser estabelecida uma conexão com o que se espera da literatura no século XVII, quando ela era vinculada a uma edificação pessoal, segundo a análise desenvolvida no ensaio que introduz a concepção de *wenxue*, a tradução de literatura no contexto chinês. Assim, mesmo que sozinho esse ensaio possa ser um elemento exógeno para a produção de conhecimento em uma historiografia literária, seu significado se expande. Primeiramente, porque ele permite um contato direto com os pensamentos e expectativas do primeiro ganhador de Nobel chinês. Mas também pelo próprio assunto abordado, que pode ser ressignificado pelo contato com os outros ensaios.

Nesse sentido, aspectos afetivos são trabalhados nos experimentos da Harvard University Press pelo viés da curiosidade e surpresa, através de novas anedotas, conexões, temas e autores nessa historiografia literária. Seriam esses elementos que permitiriam que o experimento mantivesse a atração exercida pelos fenômenos de investigação também no seu modo de estudo<sup>3</sup>, possuindo ainda mais diálogo com a pesquisa de Gabrielle Starr (2013).

---

<sup>3</sup> Esta proposta de conhecimento histórico baseado na surpresa também está presente nas pesquisas do historiador holandês Eelco Runia. Em seu ensaio “Presence”, ele argumenta que o conhecimento histórico, ao se pautar na busca por significados, procura por continuidades nos eventos históricos. Por outro lado, ele sugere que é possível conhecer também pelas discontinuidades, definidas como

Segundo ela, experiências estéticas emergem da ativação intercomunicada de áreas cerebrais responsáveis pela emoção, percepção, imaginário, memória e linguagem, formando um sistema coordenado, mas flexível, que possibilita o desenvolvimento de novas artes e apreciações que transformam formas de interação com o mundo (STARR, 2013, p. xv). Mais detalhadamente, em sua pesquisa ela analisa como

the minute sequence of the neural events in aesthetic experience requires further experimental elaborations, but in general anatomical terms, neural activation moves from sensory cortex forward toward the basal ganglia (reward processes) and toward the hippocampus and amygdalae (memory and emotion – though these functions are not exclusively carried out in these structures). Activation in the orbitofrontal cortex follows, but there are interactive loops that reach between these frontal areas and the basal ganglia so that higher-order, complex processes of cognition, and emotional and reward processes, may continually feed into one another (STARR, 2013, p. 24).

A explicação científica das reações do corpo e cérebro no contato com a literatura mostra como a experiência estética depende de uma rede mental complexa, mas igualmente depende do corpo e das experiências prévias, assim como a consideração dos contextos socioculturais (p. 30), aspecto em sintonia com as investigações de Damásio (2004).

O contato com fenômenos literários e artísticos é considerado relevante porque “a sight, a sound, a line of poetry can be a gateway not just to an inner landscape of thoughts and ideas, but can turn on a densely interconnected network of neurons, a network which underpins a broad range of cognitive functions” (STARR, 2013, p. 147). Nesse sentido, ela defende a experiência estética como estímulo ao desenvolvimento das habilidades cognitivas e emotivas, uma vez que

Art can change how we think and feel in the now, and in engaging system for emotion and reward as well as for imagery and even memory in the core network, it can change how we think and feel in the future. The effects of aesthetic experience thus can be both minute and ecstatically broad-ranging (STARR, 2013, p. 147).

---

a “as ‘humans’ ability to spring surprises on themselves” (RUNIA, 2006, p. 15), pois é atravessado por “pulos” imprevisíveis que ocorrem e que conseguem tocar quem está no presente.

Ao concluir que as mais poderosas experiências estéticas envolvem elementos inesperados – “but this does not mean that aesthetic experience expires with novelty: there are pleasures to repetition” (p. 120) –, ela também sugere que a arte tem a capacidade de reestruturar valores, definidos como “a feature of our experience of objects, perceptions and ideas” (p. 14).

Processos afetivos e emocionais, componentes dessa experiência, permitem a reavaliação de ideias e percepções, provocando também um sentimento de recompensa. A estrutura oscilante dessa experiência – entre subjetiva, vinculada a sensações e experiências prévias, e biológicas em função da complexidade de redes neurais para a realização da experiência – demanda repertórios teóricos complexos para a sua definição. É importante considerar que experiências estéticas não são uniformes e afeições por fenômenos artísticos podem ter significados diferentes para pessoas distintas (p. 57).

A experiência estética não é apenas uma resposta com base em experiências culturais, mas também uma marca agradável através da ativação de uma arquitetura neural capaz de promover prazer a partir do imprevisível e de refinar continuamente a imaginação acerca das fronteiras do mundo e de si mesmo (p. 120). Este mesmo tipo de “marca” estrutura os experimentos da Harvard University Press. Por exemplo, Dennis Hollier quer trazer a heterogeneidade como marca de sua historiografia literária (HOLLIER, 1989, p. xx); David Wellbery pretende gerar “sudden illumination” (WELLBERY, 2004, p. xviii); Werner Sollors e Greil Marcus procuram surpreender seu leitor pela criação de pontes onde “were once considered unbridgeable cultural gulfs (T.S. Eliot and Mickey Mouse)” (MARCUS; SOLLORS, 2009, p. xxv). O experimento chinês, por fim, sugere que seus ensaios podem “raise many eyebrows” (WANG, 2017, p. 26). A produção de conhecimento estabelecida nesses experimentos, ultrapassa a simples recepção de conteúdo ao tentar aproximar o leitor da experiência estética através dos afetos que provocam, entendendo-os como atuantes em processos cognitivos.

Ao tornar operativo a definição de experiência estética analisada por Starr na compreensão dos experimentos publicados pela Harvard University Press, não proponho igualar os discursos literários e históricos, mas compreender como os efeitos característicos do primeiro discurso têm potencial a ser explorado pelo último. De qualquer forma, torna-se relevante dialogar com as proposições do

filósofo Jacques Rancière em “From Politics to Aesthetics?” (2005), uma vez que ele sugere um entrelaçamento entre política e estética<sup>4</sup>, hipótese já presente em sua tese de doutorado *La Nuit des prolétaires*. Esse trabalho “showed that the core of the emancipation of the workers was an aesthetic revolution” (RANCIÈRE, 2005, p. 14), ou seja, demonstra que as mudanças ocorridas no século XIX também são mudanças de valores poéticos e de partição da esfera da experiência. A segunda forma de ligação entre as revoluções políticas e estéticas está na discussão sobre escrita de História, quando os historiadores da História das Mentalidades passam a dar voz àqueles que eram esquecidos em sua escrita, passando a não se preocupar apenas com os grandes personagens, mas também com as pessoas comuns. Em sua perspectiva, as pessoas comuns podem, a partir desse movimento, apropriarem-se da linguagem. Essa apropriação teve consequências na metodologia das Ciências Sociais – que se postulava como escrita desmistificadora das ilusões presentes na literatura, tornando esse campo parte dessa revolução estética de tomada da escrita. Rancière ainda define a literariedade como: “the power that tears bodies away from their natural destination” (RANCIÈRE, 2005, p. 16), ressaltando a possibilidade, também assinalada por Starr, do contato com textos literários promover novas visões de mundo e de si. Nessa proposta de entrelaçamento entre política e estética, uma alternativa de escrita surge como uma tentativa de se conceber a História como fazendo parte tanto de um questionamento estético quanto político, no sentido de ter efeito nas sociedades. As diferentes formas de escrita, portanto, relacionam-se com proposição de novas funções, que incluem experiências sensuais como atuantes na sua produção de conhecimento, aspecto considerado essencial pelo entrelaçamento entre arte e política.

## 8.

A questão da leitura, conforme analisado no capítulo sobre Gumbrecht, também se torna pertinente nos experimentos de historiografia literária publicados pela Harvard University Press. Primeiramente, porque eles querem ser lidos por

---

<sup>4</sup> Rancière analisa estética no sentido kantiano, de formas de sensibilidade, como matéria de tempo e espaço e não na sua ligação pura e simples com a arte (RANCIÈRE, 2005a, p. 13)

uma audiência ampla. Por exemplo, o experimento francês afirma-se como “conceived for the general reader” (HOLLIER, 1989, p. xix), o alemão dedica seus textos àqueles interessados em saber mais sobre as tradições em que certos trabalhos emergiram (WELLBERY, 2004, p. xxi), o da América quer levar o leitor a compreender sua matriz cultural (MARCUS; SOLLORS, 2009, p. xxv) e o chinês é dedicado àqueles interessados em entender a China moderna pela sua dinâmica literária e cultural (WANG, 2017, p. 1). A leitura é igualmente relevante porque esses experimentos reivindicam e necessitam da participação ativa de seus leitores na produção de conhecimento, envolvendo-os tanto nas sensações quanto na formação de uma grande e flexível narrativa a partir dos pontos focais.

No que tange a vontade de incluir leitores não-profissionais e profissionais, reflexões sobre esses dois tipos de leitores foram empreendidas pela teórica de literatura Heidrun Olinto, em “Leitura e leitores: variações sobre temas diferentes” (1994). Publicado na década de 1990, Olinto teve por objetivo pensar tanto nas “questões teóricas que acompanham a passagem do ‘texto literário’ para o ‘sistema literatura’, e os reflexos para o entendimento do processo de leitura”, quanto propõe uma espécie de tipologia de “diversos atos e modos de ler” (OLINTO, 1994, p. 15), explicitando alterações ocorridas nos Estudos de Literatura após a consideração mais sistemática dos leitores, assim como também renovações nos fenômenos literários que exigiam concepções teóricas e metodológicas diferentes das centradas no autor. Ela indica a divisão de três tipos básicos de leitores proposta por Thomas J. Roberts,

os *serious readers*, relativamente poucos, que consideram a leitura de certos romances como uma das experiências mais importantes de sua vida; os numerosos *plain readers*, que querem ler o que todo mundo lê, e os milhões de *paperback readers* que parecem devorar romances em vez de lê-los (OLINTO, 1994, p. 34).

Devido à simplicidade deste tipo de cartografia, a teórica prefere ressaltar as diferenças entre “o tratamento cotidiano de textos literários e os tratamentos científicos, profissionais” (p. 37). Segundo Olinto, enquanto na vida cotidiana o ato de leitura se fundamenta “numa espécie de preguiça do leitor que tende a integrar essa experiência em seus hábitos cotidianos, reduzindo eventuais desafios ao abrandar a diferença” (p. 41), o contexto profissional abrange “uma situação

comunicativa muito mais complexa, em que a relação texto-leitor é mediada por pressupostos e interesses que orientam e alimentam o circuito de ensino” (p. 41). Nesse sentido, em um contexto pedagógico, os textos deixam de circular enquanto tais para serem “elaborados a partir de objetivos cognitivos específicos ligados ao desenvolvimento da auto-expressividade e de atitudes críticas” (p. 44). De qualquer forma, há espaço para uma superposição entre os dois tipos de leitores, uma vez que o mesmo indivíduo pode ter as duas experiências de leitura, dependendo do contexto em que se encontra. Olinto não considera a leitura profissional como desprovida de prazer, acentuando que ela

homenageia com a escolha a sua própria curiosidade profissional de querer conhecer, por ex., as técnicas narrativas singulares do livro, a pesquisa temática subjacente, a colocação do livro no conjunto da produção do autor em relação a uma tradição vigente (OLINTO, 1994, p. 45).

O prazer proporcionado por um desafio intelectual, provavelmente não é sequer avaliado por um leitor comum. A pesquisadora conclui que “a leitura de literatura oferece modos diferentes de divertir e divertir-se. E nesta paisagem habita mais um leitor: o teórico” (p. 49), indicando que a diferença entre um leitor comum e um profissional não seria na existência de prazer, uma vez que ambos podem ser afetados e lidam com seus afetos das mais variadas maneiras, mas nas diferentes formas de ler e objetivos de leitura.

Desde os anos 1990, quando foi escrito esse artigo, até os dias de hoje, o campo dos Estudos de Literatura passou por transformações, dominando uma determinada forma de relacionamento profissional com textos literários e não-literários, que não cria as condições necessárias para que aquele prazer da descoberta e da curiosidade aflorem<sup>5</sup>. Cria-se, a partir desse tipo, aparentemente predominante, de produção de conhecimento, uma demanda pelo retorno de afetos – prazer incluído – como relevantes para este campo de estudo. Nesse contexto, a contemplação do leitor não profissional – realizada pelos experimentos historiográficos – , ao meu ver, pode ser entendida, dentre outros fatores, como um

---

<sup>5</sup> Explicitado por Gumbrecht como derivada da necessidade de obter informações rapidamente característico do mundo atual, conforme analisado no seu artigo “The Future of Reading? Memories and thoughts toward a Genealogical Approach.” (2014c).

sintoma desta ausência de prazer nas pesquisas acadêmicas<sup>6</sup>, havendo um descompasso entre o prazer experimentado pelo profissional no contato com seu objeto de estudo e a necessidade de aplicar métodos e teorias que desconsiderem esses afetos em sua tarefa de produzir conhecimento.

Entender afetos como atuantes e operantes na produção de conhecimentos, neste sentido, não é ter como horizonte a mesma experiência de leitura do leitor comum, mas compreender como o leitor profissional pode potencializar sua pesquisa pela consideração deste aspecto. Mesmo porque, pesquisas recentes – como o incansavelmente citado António Damásio – têm apontado exatamente para a atuação de afetos em processos cognitivos. Em outras palavras, não se trata de resgatar um prazer que o especialista perde ao procurar racionalizar seu contato com fenômenos literários, mas mostrar a operacionalidade dos afetos na produção de conhecimento.

## 9.

Por reunir ensaios produzidos com quase total liberdade, algumas discussões abordadas, mesmo que não sejam o objetivo inicial dos experimentos, merecem atenção por serem vinculáveis às discussões dos capítulos anteriores. No ensaio “2012. Zhang Chengzhi Republishes *History of the Soul*. 2014. Alai’s *Zandhui* Receives No Votes for the Lu Xun Prize. Minority Heritage in the Age of Multiculturalism”, Kyle Shernuk explora, a partir de dois romances, os dilemas vividos por grupos étnicos minoritários que não foram reconhecidos pela República Popular Chinesa, não podendo exercer o direito de ter representantes no Congresso Nacional Popular chinês através do estudo de dois romances. *History of a soul*, Zhang Chengzhi, publicado originalmente em 1991, retrata “the development of the Jahriyya sect of Islam in northwest of China over the course of nearly two hundred years, as well as the group’s oppression by the Chinese” (SHERNUK, 2017, p. 936). Seu autor, que estava em idade adulta quando aconteceu a Revolução Cultural Chinesa, tornou-se um dos líderes do “Root-seeking Movement”, um grupo

---

<sup>6</sup> Outro fator pode ser a separação das pesquisas acadêmicas com a vida cotidiana, podendo ser identificado pela criação de um ramo nos estudos históricos chamado de História Pública, cujo objetivo é divulgar os conhecimentos históricos para um público amplo ao analisar narrativas ficcionais, museus, programas de TV.

devotado a redescobrir “the lost remains of traditional (Han) Chinese culture” (p. 936). Apesar do relativo sucesso de sua publicação, Zhang não consegue republicar o livro revisado, após vinte anos de pesquisa e quatro anos de revisão, por causa das sensíveis questões políticas retratadas, forçando-o a publicar essa reedição fora da China. O segundo livro é *Zhandui*, nome dado pela Dinastia Qing a uma região de maioria tibetana, em que o autor Alai, filho de pai mulçumano Hui e mãe tibetana Rgyalrong, “embarked on his own root-seeking mission” (p. 938). Por causa deste livro, ele concorreu como um dos finalistas ao prêmio Mao Dun de documentário, mas não recebeu nenhum voto, por ter sido considerado pouco factual. Segundo o articulista, no entanto, a ausência de votos também pode ser explicada pelo tema polêmico das minorias étnicas.

Apontando para os limites da plataforma multiculturalista na política chinesa de representar e refletir seus diversos grupos minoritários, ambos os romances possuem um “shared desire of members from all ethnic minority groups in the PCR for recognition on a meaningful and personal level” (p. 940). Os dois autores, através de diferentes estratégias, procuram extrair histórias locais da força homogeneizadora do mito nacional, tanto como representantes de um grupo étnico minoritário, mas também enquanto indivíduos com trajetórias marcadas pela sua relação com esses grupos. Nesse sentido, reconhecer-se como parte de um grupo, através do conhecimento de suas tradições e histórias liga-se a uma busca por autocompreensão.

Esse mesmo tema do ensaio, das heranças culturais e o que fazer com elas, pode ser também usado para pensar sobre essa proposta de história literária. Esse experimento, ao ressaltar processos afetivos na sua produção de conhecimento, através de estratégias que estimulam experiências estéticas, consegue unir as dimensões comunitárias e individuais. Ao procurar estabelecer um diálogo entre a moderna cultura literária chinesa e a tradição clássica, defende o editor desse volume que “whether inheriting or dispensing with the resources of the classical tradition, through its ingenious appropriations or impassioned negations, the modern is intimately intertwined with the past” (p. 16). O seu formato de organização escrita também estimula experiências personalizadas, em que a tradição é marcada por um traço de liberdade e de redescobertas, tanto do mundo que o circunda, quanto de si mesmo. Essa noção possui similaridade com a proposta

do pesquisador Gerard Richter em *Inheriting Walter Benjamin* (2016), analisado no capítulo anterior, segundo o qual o herdeiro é marcado pela liberdade e pela não-liberdade, mas que demanda que ele tenha uma atitude (RICHTER, 2016, p. 7). Essa atitude mais participativa, por outro lado, respeita tanto os pressupostos de que as percepções temporais são advindas de processos complexos, com envolvimento afetivo e cognitivo, quanto o respeito àqueles que produziram ou influenciaram de alguma forma na história literária. Quando o moderno e mesmo o pós-moderno “are transforming into historical periods, one comes to realize all the more acutely that tradition is not a prescribed program but a succession of inventions, anti-inventions, and noninventions” (WANG, 2017, p. 17).

## 10.

Como indicado no início deste capítulo, uma das tantas especificidades do experimento chinês é o próprio significado do termo literatura, a partir da tradução de *wenxue*, associando-o

not only with the endeavor of using the word to represent the world, but also with the continued process of illuminating cosmic pattern, a process that purportedly emanates from the mind and find manifold manifestations – in corporal, artistic, sociopolitical, and natural terms – in the world. Thus, instead of merely playing with the dialectic of truth versus fiction, modern Chinese literature implants itself at every level of human experience, forming an ever-simplified orbit of manifestations that are imaginatively evoked and historically embedded (WANG, 2017, p. 5).

Mesmo com a posterior adoção das classificações ocidentais – como drama, poesia e ficção –, o sentido de literário manteve sua relação com o significado de *wen*, “a classical Chinese term that mean ‘ornamentation’, ‘pattern’, ‘sign’, ‘artistic inscription’, ‘cultural upbringing’, ‘civilization’, and ‘a sign of the movement of the cosmos’” (p. 5). Por extensão, *wenxue* se refere a diferentes tipos de manifestações, indicando uma expansão no seu sentido. Além disso, porque literatura “refers to **the art of registering, and being registered by**, the incessant metamorphosis, from era and from region to region, of forms, thoughts, and

attitudes regarding *wen*” (p. 5)<sup>7</sup>, ela não se refere apenas à dicotomia entre verdade e ficção, mas ilumina diversas expressões da experiência humana. Precisamente esse sentido de literário, que leva em consideração a dialética entre afetar e ser afetado, ressaltando os atravessamentos derivados das interações, foi alvo de manutenção nessa historiografia literária.

Como Wang defende, “beyond the familiar canon of *literature as representation*, we need to include the tradition of *literature as manifestation*, on both textual and contextual levels, in a history of modern Chinese literature” (p. 5), uma manifestação que se dá pelo envolvimento de corpos e mentes. Precisamente esse sentido expandido de literário explica todas as reformas, movimentos e questionamentos por qual ele passou ao longo dos séculos, dialogando com significados tradicionais nessa cultura milenar (p. 6). Explica também o cuidado que se tem ao pensar sobre a relação entre literatura e história no contexto chinês, uma vez que “narrating history – fleshing out the figures and events under treatment – requires not only archival data and a theoretical framework, but also rhetorical expertise and personal integrity” (p. 7). Assim, conclui-se que “a great history must be a literary history” (p. 8). E o que seria uma história literária? É aquela que registra e é registrada, que encoraja uma experiência de temporalidades e que vê fenômenos literários como manifestações, ou seja, expandem sua própria forma de conceberem literatura, não pensam nela apenas como documento de um tempo, mas como monumentos singulares (LE GOFF, 1984)<sup>8</sup>.

Esse experimento da China Moderna em particular, assim como os outros da Harvard University Press, através de pressupostos alternativos de produção de conhecimento histórico literário, usam estratégias que ressaltaram não apenas a importância de se renovar a concepção de percepção temporal e como ela influencia na produção de conhecimento de história, como também a importância de processos afetivos e cognitivos agirem em copresença para construções de conhecimento

---

<sup>7</sup> Meu negrito.

<sup>8</sup> Jacques Le Goff, em “Memória-História” (1984), discute sobre os dois tipos de materiais com os quais historiadores lidam na sua produção de conhecimento. Seriam eles os monumentos, como herança do passado ligada à imagem construída por um grupo sobre si mesmo, e documentos, como fontes escolhidas pelo historiador e forma mais científica. Para o historiador, deveria se desmontar a equivalência entre monumento e documento, ressaltando a importância de ambos. Essa discussão tem sido apropriada por teóricos de literatura, como Remo Ceserani (1990), para expressar ao uso de literatura como documento, uma fonte explicativa do passado, ou como monumento, expressando sua qualidade performática, em histórias literárias.

histórico sobre literatura. A sua perspectiva construcionista de realidades passadas, que aposta tanto no pontilhismo de micro-história quanto na possível conexão desses micro-eventos em redes maiores, não faz com que ela seja menos afetiva. Através desses exemplos, é possível admitir que, pensar em uma história literária que requeira a ativação de afetos não é um subjetivismo ou um egotismo, mas uma forma de que o conhecimento produzido pelo campo seja mais significativo e que consiga manter aquele aspecto tão importante na apreciação de fenômenos literários, que é sua capacidade de nos tocar.

## 11.

A inovação como estratégia, tanto em conteúdo, quanto na forma de construir essas ideias – até mesmo porque essas duas instâncias são tidas como inseparáveis – traz à tona uma especificidade importante desse experimento que é a sua própria escrita. Cada ensaio, sendo desenvolvido de forma única e independente, permite resultados desiguais entre eles. Isto é, alguns ensaios podem alcançar o efeito de surpresa esperado pelos organizadores, enquanto outros podem não ser tão interessantes. Contudo, para além de ser uma reunião de ensaios independentes, cada experimento também pode ser compreendido como possibilitando a composição de várias grandes narrativas sobre cada contexto sociocultural abordado.

A crítica feita às historiografias literárias tradicionais, pautadas pela organização épico-linear, não se deve necessariamente a uma descrença na capacidade afetivo-cognitiva das narrativas, mas a uma falsa homogeneização. A inovação da escrita dos experimentos da Harvard Press está em não ser restritiva ao possibilitar, por exemplo, que o mesmo autor seja analisado como um escritor renomado em um ensaio e como um potente tradutor em outro, como foi o caso de Charles Baudelaire no experimento francês. Por isso mesmo, seu objetivo epistêmico não pode ser organizar o passado, conforme solicitado por David Perkins em sua crítica aos experimentos (1992). Pelo contrário, à luz da teoria da arquitetura pós-moderna proposta pelo arquiteto Robert Venturi (2006), é uma construção de conhecimento pautada na contradição e na complexidade, baseada em conexões inovadoras e na afetação como seu caminho principal como explorei

em minha dissertação de mestrado *A arte de escrever história: experimentos contemporâneos* (2013). Tanto a arquitetura pós-moderna, quanto os experimentos podem ser sintetizados na frase de T.S. Eliot citada por Venturi, em que “o senso histórico envolve a percepção, não só da natureza pretérita do passado, mas também de sua presença” (VENTURI, 2006, p. xxiv). A partir da construção escritural labiríntica, os ensaios são trilhados por cada um de seus leitores de formas únicas, sem que haja caminhos corretos ou errados. Apenas caminhos sem volta pela sua capacidade de afetarem seus leitores. Em sintonia com as proposições de António Damásio, Stephen Greenblatt e Hans Ulrich Gumbrecht, esses experimentos também refletem a imagem das leitoras afetadas pelas suas leituras, capturadas na exposição *Reading Women*, explorando formas criativas de relacionamento com o passado literário.